

# A PALAVRA DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS

Philip Potter

**(O Conselho Mundial de Igrejas celebrou no mês de agosto seu 25.º aniversário. Philip Potter, ministro metodista e secretário-geral do Conselho, relembra o que foi o trabalho deste a sua fundação até hoje).**

Para a maioria das pessoas ter 25 anos de idade significa começar a viver. A infância e a adolescência proporcionam a riqueza de experiências que formam a base de um crescimento maduro. Talvez as organizações e os movimentos sigam este mesmo caminho. Certamente, quando relembro os 25 anos em que se formou o Conselho Mundial de Igrejas, percebo com clareza cada vez maior que eles foram apenas a preparação para a nossa tarefa atual.

Quando em agosto de 1948, em Amsterdã, as Igrejas formaram o Conselho Mundial, foi uma ocasião especial. Pela primeira vez na história as Igrejas originárias das principais tradições protestantes, anglicanas e ortodoxas entravam em convênio para estudar, trabalhar e viver. Compareceram a Amsterdã pes-

soas do Oriente e Ocidente, apesar da cortina de ferro; do sul e do norte, apesar das barreiras existentes entre colonizador e colonizado. Foi uma época de muita esperança e animação. Os líderes presentes naquela primeira assembléia eram pessoas que, apesar de estarem em lados opostos durante a guerra, haviam continuado em contato através da crença comum em Jesus Cristo.

Na *Nieuwe Kerk* (Nova Igreja) o clima era emocionante. A esperança e animação sobreviveram durante os anos, apesar das dificuldades e tensões que marcaram o desenvolvimento do movimento ecumênico. Uma das coisas mais interessantes que se pode notar nestes anos foi a maneira pela qual o Conselho se modificou, em resposta a um mundo em transformação.

Com o passar dos anos não houve um único dia em nossas vidas que deixasse de refletir as divisões entre os homens: protestantes, católicos romanos, oriente, ocidente, rico, pobre, negro, branco, jovem, velho, homens, mulheres. Mesmo que eu acredite ser impossível esperar que algum milagre ajude a superar tais barreiras, o Conselho Mundial tem conseguido oferecer uma plataforma onde as pessoas podem se encontrar em igualdade de condições, expressar-se e se relacionar.

Lembro-me perfeitamente de um encontro numa reunião de participantes jovens, pouco antes da assembléia de Evanston em 1954. Um dos delegados era Leon Malan, sobrinho de um ex-primeiro-ministro sul-africano e outro era Eduardo Mondlane, que naquela época estudava nos Estados Unidos. A reunião foi uma experiência decisiva para ambos. Malan descobriu novas formas de encarar o problema racial. Depois da reunião ele decidiu trabalhar no gueto de Chicago por algum tempo.

Mondlane estava desesperado com a situação de seu país — no entanto alguma coisa naquela reunião, cujo tema era Cristo — a Esperança do Mundo, modificou sua atitude. Prevaleceu a determinação de servir o seu povo e mais tarde ele abandonou a carreira acadêmica e o trabalho com a ONU para voltar a formar o PRELIMO, o movimento de libertação de Moçambique. Eduardo vi-

veu e morreu como um cristão destemido e cheio de esperanças.

#### As preocupações eclesiásticas

Atualmente o Conselho Mundial de Igrejas é um conjunto de 267 Igrejas das quais metade se encontra na Ásia, África e América Latina. As Igrejas ortodoxas dos países socialistas também se uniram ao Conselho. A Igreja Católica Romana, embora ainda não seja membro do Conselho está profundamente envolvida em nosso trabalho em todos os níveis. Nós somos realmente um Conselho Mundial.

O Conselho Mundial teve suas origens predominantemente na Europa Ocidental e na América do Norte, refletindo os tradicionais centros de interesse do Cristianismo Protestante. Hoje em dia o centro de gravidade se deslocou um pouco mais para o sul. As Igrejas têm papel cada vez mais decisivo na liderança do Conselho.

É um processo conturbado e desafiador que afetou todo o nosso trabalho. As questões de Fé e Ordem (política e social) que anteriormente eram propriedade exclusiva dos escolásticos europeus, que procuravam meios para unir as Igrejas com base em suas antigas e fixas posições, foram retomadas de forma mais ampla por teólogos. O Departamento de Igreja e Sociedade, que tinha um papel

muito criativo nos dias em que as nações estavam se tornando independentes, através do estímulo que dava às Igrejas no sentido de refletirem sobre a questão da "súbita mudança social", foi desafiado a examinar as implicações do nosso mundo tecnológico moderno. As questões de meio-ambiente, da qualidade de vida, estão sendo julgadas da perspectiva daquele que controla e decide. Enriquecidos pelas experiências torna-se muito mais fácil ver vários desses problemas em termos de poder: quem o detém e com que objetivos ele é usado?

O trabalho de auxílio-entre-Igrejas, que sempre foi realizado pelo Conselho e começou como resposta às necessidades da Europa do pós-guerra, deu assistência a milhões de refugiados e vítimas de tragédias. Pelo menos alguns dos famintos do mundo foram alimentados. No entanto, durante os anos fomos levados a mudar essa abordagem estritamente caritativa da questão do subdesenvolvimento e luta pela justiça. Estamos preocupados sem mexer tanto nas causas quanto nos efeitos e a assumir responsabilidades pela tomada de decisões *in loco*.

A medida que o Conselho se envolvia mais profundamente nas questões do desenvolvimento e do aspecto racial — que está tão ligado a ela — cada vez mais os seus já limitados recursos eram transferidos para ajudar oprimidos. O fundo do Conselho Mundial de Igrejas para a

Indochina, por exemplo, é administrado por um comitê com participação majoritária de cidadãos da Indochina e resto da Ásia. Os projetos são elaborados por grupos regionais e não por doadores reunidos em Genebra (local da sede do CMI).

Uma das razões da controvérsia que surgiu acerca dos donativos para movimentos de libertação é precisamente o fato de estarmos preparados para confiar na utilização do dinheiro pelos movimentos eles próprios. Eu tenho certeza de que receberemos mais críticas à medida que nossa comissão de desenvolvimento e nosso programa da missão urbana e industrial trabalhar mais no sentido das formas e caminhos através dos quais as pessoas que são constantemente ignoradas nos planos de desenvolvimento — o habitante da favela urbana ou o camponês — possam realmente participar econômica, política e espiritualmente na vida de suas sociedades.

Mas o verdadeiro obstáculo ao nosso crescimento em companheirismo e entendimento se encontra na natureza e grau de nosso envolvimento nas estruturas da sociedade. Durante séculos, os cristãos desenvolveram uma clara divisão entre crença individual e irresponsabilidade social, entre caridade pessoal e ambição pública.

## O lugar da Igreja

Do trabalho do Conselho Mundial de Igrejas sobre desenvolvimento e racismo aprendemos como estamos todos agora profundamente implicados nas estruturas econômicas e políticas que mantêm o racismo e o subdesenvolvimento. Todos nós, inclusive as Igrejas, somos parte de sistemas repressivos seja no sul da África, seja nas chamadas sociedades afluentes, onde existe pequena participação do povo na vida social.

É precisamente entrando em contato com esses temas que estamos lidando com as verdades centrais da fé cristã. Desta forma, nossas raízes estão em Cristo, que nos guia com firmeza. Eu acho que quanto mais alguém tem raízes em Cristo, mais radical ele é e menos inclinado a se fixar num mesmo lugar.

Temos várias tarefas a executar. Ainda não efetivamos rupturas na questão de unidade da Igreja. Os sinais mais encorajadores ocorreram de fato, mas resta muita coisa a ser feita no sentido de favorecer a união da Igreja do Ocidente. Também há muito trabalho para ser feito no sentido de possibilitar um envolvimento maior com as igrejas ortodoxas e a Igreja Católica Romana.

Não conseguimos efetivar uma renovação significativa na vida das Igrejas. O Conselho Mundial teve apenas um pequeno progresso no envolvimento dos

leigos, jovens e mulheres nas estruturas de decisão das Igrejas. Nesta área temos muito o que aprender com os católicos romanos que conseguiram realizar o tipo de renovação — através do Concílio do Vaticano, que, ironicamente, foi ajudado pelo trabalho do Conselho Mundial — que não se manifestou em nenhuma outra Igreja.

É pelo fato de sermos hoje em dia verdadeiramente um Conselho Mundial que podemos começar a explorar ainda mais profundamente a riqueza que há em todas as tradições de diferentes culturas e descobrir maneiras novas pelas quais os cristãos possam compartilhar suas vidas e seus objetivos — e articular os valores que são muito mais a favor da comunidade do que da divisão.

- Se conseguirmos seguir esse caminho, continuaremos sendo um verdadeiro movimento, liberto de concepções da Igreja que pertencemos ao passado ou concepções de justiça e relacionamento entre Igreja e Estado que eram válidas para a Idade Média. Nossa esperança é que os homens se tornem um, unidos em plenitude, criatividade, sensibilidade, espiritualidade e felicidade. Espero muito dos próximos 25 anos, e confio que o Espírito nos ofereça essas alternativas e as mantenha unidas.

— "OPINIAO" de 27 de agosto de 1973 —  
extraído do jornal "The Guardian"